

# AS ORDENS DE SANTIAGO E DE CRISTO E A FUNDAÇÃO DO ESTADO DA ÍNDIA. UMA PERSPECTIVA DE ESTUDO

ISABEL MORGADO S. E SILVA

MARIA CRISTINA PIMENTA

Universidade Portucalense Infante D. Henrique

1. Fruto de um trabalho que se desenvolve desde há alguns anos, é hoje possível dispor de investigações sobre as Ordens Militares em Portugal que nos proporcionam, por um lado, elementos essenciais de carácter genérico e, por outro lado, determinados detalhes importantes para o conhecimento da estrutura organizacional de cada uma delas <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Isabel Maria de Carvalho Lago Barbosa, «A Ordem de Santiago em Portugal nos finais de Idade Média», in *Militarium Ordinum Analecta – As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna: A Normativa*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol. 2, 1998, p. 93-288; Paula Maria de Carvalho Pinto Costa, *A Ordem Militar do Hospital em Portugal (séculos XII-XIV)*, Porto, FLUP, 1993, dissertação de Mestrado, policopiada; Idem, «A Ordem Militar do Hospital em Portugal: Dos finais da Idade Média à Modernidade», in *Militarium Ordinum Analecta*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol. 3/4, 1999-2000, p. 5-592; Maria Cristina Cunha, *A Ordem de Avis (das origens a 1329)*, Porto, FLUP, 1989, dissertação de Mestrado, policopiada; Mário Raul de Sousa Cunha, *A Ordem Militar de Santiago (das origens a 1327)*, Porto, 1992, dissertação de mestrado, policopiada; Joel Silva Ferreira Mata, *A Comunidade Feminina da Ordem de Santiago: a comenda de Santos na Idade Média*, Porto, FLUP, 1992, dissertação de Mestrado, policopiada; Idem, *A Comunidade feminina da Ordem de Santiago: a comenda de Santos em finais do século XV e no início do século XVI. Estudo Religioso, Económico e Social*, Porto, FLUP, 1999, dissertação de Doutoramento, policopiada; Maria Cristina Gomes Pimenta, «A Ordem de Avis durante o Mestrado de D. Fernão Rodrigues de Sequeira», in *Militarium Ordinum Analecta – As Ordens Militares no reinado de D. João I*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol.1, p. 127-242; Idem, *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média: o governo de D. Jorge*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2002; Isabel L. Morgado de Sousa e Silva, «A Ordem de Cristo durante o mestrado de D. Lopo Dias de Sousa (1373?-1417)», in *Militarium Ordinum Analecta – As Ordens Militares no reinado de D. João I*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol. 1, p. 5-126; Idem, *A Ordem de Cristo (1417-1521)*, in *Militarium Ordinum Analecta*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol. 6, 2002; António Maria Falcão Pestana de Vasconcelos, «A Ordem Militar de Cristo na Baixa Idade Média. Espiritualidade, normativa e prática», in *Militarium Ordinum Analecta – As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna: a Normativa*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol. 2, 1998, p. 5-92.

Assim, tendo o nosso percurso, até ao momento, sido orientado precisamente pela investigação, primeiramente largamente documental e, depois, já mais reflexiva sobre as Ordens de Avis, Santiago e Cristo na Baixa Idade Média, foi, de facto, muito aliciante receber uma proposta de tema que nos abriu novas portas para rumos distintos a dar à informação que até então havíamos coligido.

Com efeito, se é verdade que ao termos estudado estas instituições numa perspectiva o mais abrangente possível, especialmente para colmatar o grande desconhecimento que havia a seu respeito, não é menos verdade que o tecido social, o *who's who* destas Ordens Militares foi, apesar de tudo, um tema sempre em foco nos trabalhos que realizámos. Um tema, mas não o tema.

Queremos com estas palavras dar conta do nosso evidente afastamento relativamente ao tratamento dos membros das Ordens enquanto elementos nucleares de uma ou outra família no Portugal de *Quatrocentos* e de *Quinhentos*, ou mesmo enquanto elementos representativos de um ou de outro sector da sociedade. Para aqueles que conhecem os nossos trabalhos, o que foi feito foi uma apresentação biográfica dos membros das Ordens, a qual, com maior ou menor detalhe resultou na identificação de uma componente humana a que investigações futuras acrescentarão, por certo, muitas alterações<sup>2</sup>.

Na verdade, a impossibilidade de definir, até à data, outros contornos mais firmes no que se refere às elencagens de personagens relacionados com as instituições em causa, prende-se, também, com o teor das próprias fontes que, desde o início, fundamentaram a nossa investigação<sup>3</sup>. Se, na maior parte dos casos, é possível conhecer este ou aquele indivíduo que professa ou, pelo menos, faz menção de vir a professar numa qualquer milícia, o detalhe da sua naturalidade, filiação e até mesmo o apelido, é tantas vezes escondido pela frieza *administrativa* dos diplomas da chancelaria das Ordens.

Acresce ainda a esta situação, o facto de haver uma pesquisa cronológica díspar no que se refere às metas de investigação seguidas para a Ordem de Cristo e para a Ordem de Santiago. Quanto à primeira, as balizas temporais foram, até ao momento, 1319-1521, embora, para este caso concreto, se tenha privilegiado o período correspondente ao reinado de D. Manuel. Quanto à segunda, estudou-se a Ordem durante o mestrado de D. Jorge, o que significa que foram ainda contemplados os meados do século XVI<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Neste sentido, foram efectuadas algumas tentativas de apresentação dos membros das Ordens, quer através da elaboração de biografias (Paula Maria Pinto Costa, *A Ordem Militar do Hospital em Portugal...*, p. 241-318; Maria Cristina Pimenta, *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média...*, p. 300-600), quer pela sistematização dos dados conhecidos em quadros sinópticos (Isabel L. Morgado de Sousa e Silva, *A Ordem de Cristo...*, p. 311-491).

<sup>3</sup> Cujas procedências são maioritariamente do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.

<sup>4</sup> No entanto, para obter melhores resultados comparativos entre as instituições, procurámos não ir muito além da década de 30, embora sempre que nos pareceu oportuno e

Para este caso concreto, cumpre salientar, também, o carácter profusamente exíguo das fontes no que se refere ao esclarecimento da presença dos seus membros na Índia; só para dar um exemplo, se este trabalho fosse fundamentado unicamente nas fontes para o estudo da Ordem de Santiago, haveria a referir nove elementos que, com muita segurança, sabemos terem estado nessas paragens. Nas mesmas circunstâncias, e para a Ordem de Cristo, o número é, aliás, extremamente significativo: zero elementos.

Posta a questão nestes termos, é num contexto de alguma contenção nos objectivos que nortearam este trabalho, que nos aventurámos a considerar o tema da presença das Ordens Militares ou/e de alguns dos seus membros na construção do *Estado da Índia*.

**2.** A dinâmica do relacionamento entre as Ordens de Santiago e de Cristo e a coroa portuguesa na Baixa Idade Média, parece ser, também, um ponto de paragem obrigatório no esquematizar destas considerações, até porque a explicação da participação das Ordens no processo expansionista em geral, e em particular na construção do *Estado da Índia*, passa precisamente pela real compreensão desse relacionamento, nem sempre fácil de caracterizar, em termos de linearidade.

De facto, é particularmente difícil sintetizar as ideias sobre as quais temos reflectido desde há alguns anos<sup>5</sup> no que se refere à articulação entre as políticas régias e as Ordens Militares, enquanto reflexo ou oposição a essas mesmas políticas.

Não é por acaso que tal problemática nos coloca rapidamente perante as graves questões levantadas durante o reinado joanino<sup>6</sup>, seja, ao nível da oposição interna plasmada nas conjuras da década de oitenta, seja, ao nível dos diversos problemas que ocorrem após a morte do Infante D. Afonso.

Relativamente ao primeiro ponto, e perante os objectivos particulares deste trabalho, importa unicamente sublinhar a participação do então Mestre de Cristo<sup>7</sup>, D. Diogo, Duque de Viseu que, apesar de já ter sido alertado pelo

especialmente determinante para fundamentar uma ou outra identificação, recorremos a informações posteriores.

<sup>5</sup> Especificamente relembramos os nossos trabalhos publicados na *Militarium Ordinum Analecta - As Ordens Militares no reinado de D. João I* (já referidos) e «As Ordens de Avis e de Cristo na Baixa Idade Média e a Monarquia Portuguesa: percursos de complementaridade», in *Estudos em Homenagem a Joaquim M. da Silva Cunha*, Porto, Fundação Universidade Portucalese Infante D. Henrique, 1999, p. 805-824.

<sup>6</sup> Sobre esta conjuntura, veja-se, em termos gerais, Manuela Mendonça, *D. João II. Um Percurso Humano e Político nas origens da Modernidade em Portugal*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995 e, de forma mais particular, Humberto Baquero Moreno, «A Conspiração contra D. João II: o julgamento do Duque de Bragança», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 1970, vol. II, p. 47-103; Manuela Mendonça, «Problemática das conspirações contra D. João II», in *Clio - Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 5, Lisboa, 1984-1985, p. 29-48.

<sup>7</sup> Sobre este personagem na Ordem de Cristo, veja-se, Isabel L. Morgado de Sousa e Silva, *A Ordem de Cristo...*, p. 81-91.

monarca quando das acções perpetradas pelos Bragança, insiste em assumir um segundo movimento de oposição, cujo desfecho é bem conhecido de todos.

No contexto do bom relacionamento que sempre existiu entre a Monarquia e a Ordem de Cristo, cabe perguntar, até que ponto a intervenção política de D. Diogo condicionou o futuro entendimento entre estes dois poderes? De forma alguma. E esta certeza decorre da actuação do próprio D. João II que, no dia da morte de D. Diogo, ... *mandou chamar e vyr perante sy ho Senhor Dom Manuel ...*, para lhe entregar todos os bens que por morte do Duque, seu irmão, entendia fazer-lhe doação ... *porque Deos sabia que elle o amava como a proprio filho ...* <sup>8</sup>.

Mestre da Ordem de Cristo desde Setembro de 1484 <sup>9</sup>, não se esperaria deste novo titular outro comportamento na instituição senão aquele que a monarquia desejava: fidelidade ao monarca, complementaridade de actuação, políticas de compromisso mútuas. Exemplos bem evidentes desta situação são as várias doações efectuadas por D. João II <sup>10</sup> entre Abril e Junho de 1489, entre elas, a entrega das localidades de Gouveia, Vila Viçosa, Besteiros, Linhares, Salvaterra de Magos, Covilhã, Guarda, Portel, assim como a nomeação para fronteiro-mor nas comarcas de Entre-Tejo-e Odiana, Além Odiana e reino do Algarve <sup>11</sup>.

Relativamente ao segundo ponto atrás enunciado – o problema sucessório – é necessário referir, em primeiro lugar, que, após o episódio de 13 de Julho de 1491 <sup>12</sup>, um outro filho de D. João II, assume um lugar de destaque num posicionamento que até então se havia revelado bastante modesto: falámos, obviamente, de D. Jorge. Neste novo contexto deve ser entendida a súplica de D. João II a Inocêncio VIII no sentido de conceder a administração dos mestrados de Avis e de Santiago <sup>13</sup> a este seu filho, ao mesmo tempo que lhe entrega as beatrias de Amarante, Ovelha e Canavezes <sup>14</sup>. Esta actuação é muito significativa uma vez que estas distinções obedeciam a um propósito muito concreto de fazer coincidir em D. Jorge a mesma imagem ou *status* que o seu meio irmão ostentara em vida, preparando, assim, a sucessão.

<sup>8</sup> Rui de Pina, «Chronica d'El Rey D. João II», in *Crónicas. D. Sancho I, D. Afonso II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II*, introdução e revisão de Manuel Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmãos – Editores, 1977, cap. XVIII, p. 930.

<sup>9</sup> Sobre esta personagem na Ordem de Cristo, veja-se Isabel L. Morgado de Sousa e Silva, *A Ordem de Cristo...*, p. 91-110.

<sup>10</sup> IAN/TT, *Chancelaria de D. João II*, liv. 24, fls. 15-18.

<sup>11</sup> IAN/TT, *Chancelaria de D. João II*, liv. 27, fl. 68; Leitura Nova, *Místicos*, liv. 2, fls. 101v-102v.

<sup>12</sup> Rui de Pina, «Chronica d'El Rei D. João II», cap. L, p. 982-988.

<sup>13</sup> Bula de Inocêncio VIII *Eximiae devotionis affectus* datada de 1491 (IAN/TT, *Bulas*, maço 26, doc. 18, maço 11, doc. 4).

<sup>14</sup> Carta de D. João II de 7 de Setembro de 1491 (António Caetano de Sousa, *Provas de História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, Atlântida Livraria Editora, 1946-1954, tomo VI, 1.ª parte, p. 19-25).

Esta circunstância foi, no entanto, alvo de muita contestação, por parte de largos sectores da sociedade portuguesa, liderados pela rainha D. Leonor que contava, aliás, com o apoio dos Reis Católicos e do Pontífice. A estes posicionamentos seguem-se, obviamente, as interpretações historiográficas correspondentes <sup>15</sup>. Não admira pois, que, apesar da intencionalidade enunciada o monarca acabe por não poder cumprir com a linha que havia traçado. *Daí que as alternativas que se apresentam ao monarca (D. Manuel ou D. Jorge) rapidamente o deixem de ser, optando D. João II pela entrega do reino a D. Manuel, seu cunhado e tal como ele neto de D. Duarte* <sup>16</sup>, como consta do texto do seu testamento, redigido em Setembro de 1495 <sup>17</sup>.

Esta opção tem muito provavelmente uma forte ligação à política seguida pelo monarca, enquanto negação das posturas de D. Afonso V, já no que se refere ao intervencionismo lusitano na disputa pelo trono de Castela, já no que se refere ao enfrentamento militar em Toro como única solução para o contencioso Ibérico. A diplomacia dos anos subsequentes <sup>18</sup> provaria o colapso de tais opções, abrindo caminho para a tão desejada paz, dando-se, assim, resposta a muitos dos anseios expressos por essa ocasião.

Nestas condições, é absolutamente compreensível que o monarca tenha entendido o risco <sup>19</sup> que uma opção pelo bastardo efectivamente implicaria, ao mesmo tempo que, indicar D. Manuel como sucessor fazia sobressair a imagem que o Mestre de Cristo havia adoptado desde a sua investidura; ou seja, apoiando as directrizes assumidas por D. João II, muito especialmente no que diz respeito ao processo expansionista de que é exemplo a sua actuação decisiva nos arquipélagos Atlânticos tendente ao seu desenvolvimento <sup>20</sup>. Uma

<sup>15</sup> Cf., por exemplo, Anselmo Braamcamp Freire, *Crítica e História – Estudos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, p. 97-138, 221-250 e p. 145-157; José Sarmento de Matos, «A Senhora do Povo», in *Oceanos*, n.º 8, Lisboa, CNCDP, 1991, p.79.

<sup>16</sup> Maria Cristina Pimenta, *As Ordens de Avis e de Santiago...*, p. 84.

<sup>17</sup> Rui de Pina, «Chronica d'El Rey D. João II», cap. LXXXI, p. 10-29; Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, IN/CM, 1973, cap. CXII, p. 284.

<sup>18</sup> Referimo-nos, como é bem conhecido, aos tratados de Alcáçovas-Toledo e, especialmente ao de Tordesilhas. Sobre este tema veja-se Luís Adão da Fonseca, *O Tratado de Tordesilhas e a Diplomacia Luso-Castelhana no século XV*, Lisboa, INAPA, 1991.

<sup>19</sup> A este propósito, relembremos as palavras de Maria do Rosário Themudo Barata, «Estado e Monarquia em Portugal», in *Actas do Congresso Internacional de História El Tratado de Tordesillas y su época*, Madrid, Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas, CNCDP, 1995, vol. I, p. 60-61: (...) *como poderia o rei sujeitar o reino aos perigos de uma guerra civil – que fora o estigma do reinado de seu pai e a causadora da morte de seu avô o Infante D. Pedro? Como poderia o rei dar pretexto para a intervenção directa das coroas peninsulares, do poder de Fernando e Isabel, solicitados pela rainha D. Leonor e pela grande nobreza portuguesa, a apoiar o herdeiro na linha de sucessão monárquica legítima? (...). Por estes motivos, e na defesa dos interesses de estado, D. João II sacrifica o filho bastardo, redigindo o seu testamento a favor de D. Manuel, Duque de Beja.*

<sup>20</sup> J. da Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, INIC, 1988, vol. III, docs. 188, 189, 190, 390, p. 281-283, 284, 284-285 e 654-655, respectivamente. Cf. Isabel Morgado Silva, «D. Manuel, Duque de Beja, Governador da Ordem de Cristo, Senhor dos Arquipélagos Atlân-

postura contida a qual deve definir os comportamentos de um Mestre de uma ordem militar nos finais de *Quatrocentos*, a qual lhe mereceu o trono.

D. Manuel, Duque de Beja, Governador da milícia de Cristo, e já Rei de Portugal, assumia nestas duas vertentes uma complementaridade intrínseca entre estes dois poderes, que – na prática – actuam em unísono, contemplando ambas as vertentes: a temporal e a espiritual.

A actuação de D. Manuel para com o bastardo, Mestre das Ordens de Avis e de Santiago, vai, por isso mesmo, ser um bom exemplo das suas directrizes de conduta: se é verdade que o novo monarca não hesitou em confirmar<sup>21</sup> a doação feita a D. Jorge do Ducado de Coimbra e do Senhorio de Montemor-o-Velho, os Mestrados e as Beatrias, o mesmo já não se pode dizer relativamente ao mestrado de Cristo, como rapidamente se compreenderá<sup>22</sup>.

Em paralelo com estas interpretações deve ser mencionada a relevância do discurso cronístico, enquanto expressão de condenação, pelo menos enevoada, de algumas das posturas do monarca<sup>23</sup>.

A análise deste reinado não constitui objecto deste nosso trabalho, no entanto, não é possível avançar para os casos práticos de participação das milícias no Oriente sem, antes, tentar avaliar uma das suas manifestações; ou seja, em que medida foi possível uma coexistência pacífica e partilhada face ao projecto das navegações para o Índico, por parte das Ordens de Santiago e de Cristo e o Rei.

Num primeiro momento, é claro que vai sobressair deste discurso uma maior atenção ao relacionamento do monarca com a Ordem de Santiago, uma vez que a sua dimensão de Rei-Mestre dispensa outras considerações que, neste contexto interpretativo, se tornariam acessórias.

ticos: uma estratégia de actuação (1484-1495)», in *Africana*, n.º 6 especial, Porto, Universidade Portucalense/Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, 2001, p. 211-228.

<sup>21</sup> Relembramos alguns excertos das cláusulas do testamento do Príncipe Perfeito: *Item encomendo muito ao dito Duque meu Primo que suplique ao Sancto Padre que proveja ao dito D. Jorge meu filho do Mestrado de Christo que elle dito Duque agora them (...)* (António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica...*, tomo II, I parte, p. 215); continuando, e (...) *que o dito Duque meu muito Amado e prezado Primo aja alguma filha ou filhas lhe rogo pelo muito Amor que lhe tenho e boas obras que lhe sempre fiz que elle case a Major que tiver com o dito D. Jorge (...)* (Idem, *ibidem*, p. 216).

<sup>22</sup> Atitude que pode ser confrontada com a assumida por D. João II, quando a sua sogra D. Beatriz lhe solicita a entrega do mestrado de Avis para D. Manuel (Álvaro Lopes de Chaves, *Livro de Apontamentos (1438-1489)*, p. 265-266).

<sup>23</sup> Remetemos o leitor para as apreciações feitas neste sentido por Mafalda Soares da Cunha, «D. João II e a construção do Estado Moderno. Mitos e Perspectivas Historiográficas», in *Arqueologia do Estado* (Actas das I Jornadas sobre formas de organização e exercício dos poderes na Europa do Sul, séculos XIII-XVIII), Lisboa, História & Crítica, 1988, p. 652, especialmente quando chama a atenção para o facto da abertura da crónica de Damião de Góis sobre D. Manuel se iniciar, precisamente, pelas cláusulas testamentárias de D. João II, chamando a atenção para o modo como D. Jorge terá saído prejudicado pelo não cumprimento de algumas delas.

Com efeito, é na Ordem dirigida por D. Jorge que cremos ter sentido procurar alguns indicadores que possibilitem uma reflexão mais atenta sobre o assunto.

Partindo das fontes para o estudo da Ordem de Santiago no reinado de D. Manuel, e ao nível da relação pessoal Rei-Mestre, parece correcto dizer que entre o Rei de Portugal e o Mestre de Santiago existe uma tranquila convivência cuja tradução institucional pode facilmente verificar-se na sistemática anuência<sup>24</sup> do monarca perante as diferentes súplicas de D. Jorge.

Já ao nível da relação Rei-Senhor D. Jorge a cronística encarregou-se de oferecer uma imagem relativamente equilibrada da presença de D. Jorge junto do monarca, como se comprova pela integração do Mestre na comitiva que acompanhou os monarcas portugueses a Castela em 1498<sup>25</sup>, ao circunstancial dos enlances do Venturoso<sup>26</sup> e às cerimónias fúnebres de 13 de Dezembro de 1521<sup>27</sup>.

Num segundo momento, partindo das fontes para o estudo das Ordens de Santiago e de Cristo no reinado de D. Manuel, e tendo em conta o relacionamento pessoal com ambas as milícias, já referido, como interpretar as acções em termos da política ultramarina?

Numa primeira observação é importante sublinhar a ausência de inovação no que se refere à política perseguida logo após a subida ao trono de D. Manuel. Com efeito, a sua preocupação em manter um bom relacionamento com Castela, traduzida nos seus casamentos com duas filhas e uma neta dos reis Católicos, reafirmava as posições assumidas pelas coroas em Tordesilhas, deixando-lhe o caminho aberto para dar continuidade ao *projecto imperial joanino*<sup>28</sup>, para utilizar uma expressão consagrada, cujo objectivo último era a Índia. Importa lembrar que esta descoberta representava a concretização de um empreendimento que se tinha desenvolvido paulatinamente, e que, em termos globais considerava os mais diversos níveis: político-diplomático, sócio-económico, geográfico, científico, mental e religioso.

Na perspectiva do nosso objecto de estudo, as Ordens Militares, interessa-nos realçar esta última dimensão – a religiosa – associada claramente à recuperação da *ideia de Cruzada*<sup>29</sup>, neste caso, pela mão de D. Manuel, que

<sup>24</sup> Ver Maria Cristina Gomes Pimenta, *ob. cit.*, p. 85-94.

<sup>25</sup> Damião de Góis, *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, Coimbra, Real Oficina da Universidade, 1790, I parte, cap. XXXVI, p. 54.

<sup>26</sup> E mesmo assim, nem sempre, v.g. a falta de referência a D. Jorge no casamento do rei com D. Maria (nem Damião Góis, *Chronica...*, I parte, cap. XLVI, p. 113-115; nem Jerónimo Osório, *Da Vida e Feitos de El-Rei D. Manuel*, Porto, Livraria Civilização, 1944, vol. I, liv. I, p. 77-78, referem a sua presença).

<sup>27</sup> Damião Góis, *Chronica...*, I parte, cap. LXXXIII, p. 634.

<sup>28</sup> Sobre esta conjuntura, veja-se, por todos Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994, p. 149-168.

<sup>29</sup> Luís Garcia Guijarro Ramos, *Papado, Cruzadas y Órdenes Militares, siglos XI-XIII*, Madrid, Cátedra, 1995, p. 239-242.

directamente a relaciona com a Ordem de Cristo<sup>30</sup>. Necessitando, como se compreende, de todo o manancial humano para alimentar a sua aventura marítima, mas querendo-lhe conferir a referida dimensão cruzadística associada inequivocamente à política de Estado, cabe perguntar qual foi, então, o sentido da participação, neste processo, de outra Ordem que não a *militia christi*?

3. Esta interrogação, que se nos afigura ainda hoje pertinente, e para a qual continuamos sem grandes respostas, orientou as nossas escolhas no sentido de tentar encontrar uma metodologia capaz de permitir adiantar, pelo menos, algumas hipóteses de trabalho. Tal metodologia, forçosamente, teve de passar pelo cruzamento das fontes destas Ordens Militares com outras de proveniência e conteúdo distinto mas que, dentro dessa diversidade, congregassem o sentido de esclarecer, complementando, os dados de que dispúnhamos.

É assim que aparecem como instrumentos deste trabalho os livros das armadas, e as diferentes crónicas ou relatos relativos ao período em causa<sup>31</sup>, entre outros que se nos afiguraram necessários.

Como se compreenderá, foi distinto o aproveitamento que fizemos das referidas fontes: à maior generalidade de informes oferecidos pelos relatos cronísticos, privilegiamos as informações dos Livros das Armadas, especialmente porque as referências aos capitães de armada se apresentavam como um universo contido; ou seja, de menor dimensão, pelo que bastante mais razoável, enquanto conjunto de membros a analisar. É este um dado de especial importância uma vez que, por parte dos fundos das Ordens Militares, a parcimónia da informação é, de facto, uma realidade.

Retomemos, então a questão acima enunciada: quais os níveis de compromisso entre a Ordem de Santiago e os desígnios da política ultramarina de D. Manuel; e acrescentemos outras: até que ponto o seu empenho se traduz

<sup>30</sup> Luís Filipe Thomaz, «L'Idée Imperiale Manuéline», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXVII, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, p. 35-103; idem, «Descobrimientos e Evangelização. Da Cruzada à Missão pacífica», in *Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas* (Actas do Congresso), Braga, Universidade Católica Portuguesa / CNCDP / Fundação Evangelização e Culturas, 1993, vol. I, p. 83-129.

<sup>31</sup> *Memória das Armadas que de Portugal passaram ha Índia e esta primeira e ha com que Vasco da Gama partio ao descobrimento dela por mandado del Rei Dom Manuel no segumdo anno de seu reinado e no do nascimento de xpo de 1497*, Ed. Academia das Ciências de Lisboa no Segundo Centenário da sua Fundação, Lisboa, 1979; *Livro de Lisuarte de Abreu*, Lisboa, CNCDP, 1992; João de Barros, *Ásia, Primeira Década*, Lisboa, Agência-Geral das Colónias, 1945; Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 2 vols., 1979; Damião Góis, *Cronica do Felicissimo Rei D. Manuel* (Nova edição conforme a primeira, anotada e prefaciada, dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, 2 vols.; Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975. Recorremos, ainda, à obra dirigida por Luís de Albuquerque, *Relações da Carreira da Índia*, Lisboa, Alfa, 1989.

numa participação consentida? O peculiar entendimento entre D. Manuel e D. Jorge impediu que o monarca utilizasse a componente humana dos Santiaguistas para pôr em prática os seus propósitos?

Muitas das respostas a estas questões foram já dadas pelos trabalhos dos Professores Luís Adão da Fonseca<sup>32</sup>, Sanjay Subrahmanyam<sup>33</sup>, Geneviève Bouchon<sup>34</sup> e João Paulo Costa<sup>35</sup>, entre outros, nomeadamente no que se refere aos intervenientes nas primeiras expedições à Índia, os quais apontam no sentido da identificação dos navegadores com membros desta milícia, ou, pelo menos, com fortes ligações familiares a Santiago.

Neste sentido, muito pouco haveria a acrescentar. Tanto mais, que os limites cronológicos da nossa pesquisa não vão muito além das duas primeiras décadas do século XVI, como foi, aliás, já referido. Por isso decidimos optar por um outro tipo de abordagem, que, no entanto, não deixa de corroborar, pelo menos, uma parte dos resultados já alcançados.

Concentremo-nos em alguns dos casos tipo que nos mereceram uma análise mais ponderada.

Por exemplo: D. Duarte de Meneses, filho de D. João de Meneses, Comendador de Sesimbra, encontrava-se ausente em Tânger em 1516<sup>36</sup>, praça de que era capitão, quando a sua comenda foi visitada por D. Jorge. Mais tarde, em 1520<sup>37</sup>, sabemos-lo autor de uma sentença contra o seu mestre.

Será por esta razão que em 8 de Agosto de 1521 professa na Ordem de Cristo<sup>38</sup>? Entretanto nomeado Governador da Índia, seguiria nesse mesmo ano<sup>39</sup> na armada para ocupar esse cargo.

A aceitarmos estes factos como verdadeiros, este caso é revelador de duas situações muito concretas que interessa apresentar. Por um lado a facilidade com que estes nomes se detectam nas fontes relacionadas com a expansão e, por outro lado, sublinhe-se o detalhe de uma dupla presença: primeiro, D. Duarte de Meneses professa na Ordem de Santiago e, alguns anos depois

<sup>32</sup> Vasco da Gama, *o Homem, a Viagem, a Época*, Lisboa, EXPO 98/Comissão de Coordenação da Região do Alentejo, 1998 e «Os comandos da segunda armada de Vasco da Gama à Índia (1502-1503)», in *Mare Liberum*, n.º 16, Lisboa, CNCDP, 1998, p. 11-32.

<sup>33</sup> *The Career and Legend of Vasco da Gama*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (tradução portuguesa de 1998).

<sup>34</sup> Vasco da Gama, Lisboa, Terramar/CNCDP, 1997.

<sup>35</sup> *Descobridores do Brasil. Exploradores do Atlântico e Construtores do Estado da Índia* (coordenação de...), Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 2000; *A Nobreza e a Expansão. Estudos biográficos* (coordenação de...), Cascais, Patrimonia, 2000.

<sup>36</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 159, fl. 158 e *Ordem de Santiago*, Códice n.º 163, fl. 4.

<sup>37</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 129, fl. 26-29v; *Convento de Palmela*, maço 4, doc. 306.

<sup>38</sup> *Catálogo dos Cavaleiros da Ordem de Cristo que tomaram o hábito no reinado de el Rei D. Manoel e nos seguintes reinados*. Publicado por António Machado Faria, «Cavaleiros da Ordem de Cristo no século XVI», *Arqueologia e História*, vol. VI, Lisboa, 1955, p. 21.

<sup>39</sup> Cf. *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 40; *Memória das Armadas*, p. 20. Sobre este personagem veja-se, Geneviève Bouchon, *ob. cit.*, p. 295 e seguintes.

recebe hábito na Ordem de Cristo. Pode no entanto acrescentar-se que, neste exemplo, a escolha régia do personagem para Governador estará, certamente, relacionada com a sua carreira na praça norte africana. E é difícil não questionar: nessa década de vinte, a muito maior distância do reino, sentiu D. Manuel a necessidade de aproximar mais directamente D. Duarte de Meneses da sua pessoa, pelo que este ingressa na Ordem de Cristo?

Um outro caso que também se nos apresenta extremamente interessante é o de D. Francisco de Almeida, homem inquestionavelmente ligado a D. Jorge e à Ordem de Santiago – basta lembrar que é filho dos condes de Abrantes – que transita dos Espatários para a Ordem de Cristo, por ocasião da sua nomeação para vice-rei da Índia <sup>40</sup>.

Numa outra tipologia de casos, aliás, os mais comuns nas fontes das Ordens Militares, foram encontrados vários personagens que empreendem percursos muito lineares. Professam nas Ordens e, depois, participam em acções diversas na Índia. Por vezes é sintomática a proximidade das datas.

Por exemplo, António de Abreu professou em 1517 na Ordem de Cristo e pode tratar-se do mesmo cavaleiro que integra a armada de Diogo da Silveira no ano de 1523, como capitão de uma nau <sup>41</sup>. Cristóvão de Mendonça professa em Abril de 1514 e poderá ter partido para a Índia na armada de Jorge de Albuquerque em 1519 <sup>42</sup>. Também Lopo de Brito toma o hábito de Cristo a 7 de Fevereiro de 1519, embarcando para a Índia no mesmo ano, como capitão de uma nau, na armada de Jorge de Albuquerque <sup>43</sup>.

Diogo da Silveira <sup>44</sup> toma o hábito de Santiago em 23 de Fevereiro de 1543, embarcando para a Índia, nesse mesmo ano, como capitão mor da armada e, Diogo Correia, registado na matrícula santiaguista em 1503, poderá ter partido para a Índia na armada de Lopo Soares em 1504, como capitão de uma nau <sup>45</sup>;

Já Jorge Barreto, cavaleiro da Ordem de Santiago em 1506, poderá tratar-se do capitão mor Jorge Barreto de Castro, que assume o cargo por morte do vice-rei D. Francisco de Almeida <sup>46</sup>.

<sup>40</sup> Por intervenção pontifícia registada na Bula *Expart francisci*, datada de 18 de Dezembro de 1505 (IAN/TT, *Gaveta 7*, maço 10, n.º 14).

<sup>41</sup> António Machado Faria, «Cavaleiros...», p. 21; *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 41v, *Memória das Armadas*, p. 20.

<sup>42</sup> António Machado Faria, «Cavaleiros...», p. 21; *Memória das Armadas*, p. 21 e fl. 27.

<sup>43</sup> António Machado Faria, «Cavaleiros...», p. 21; *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 38; *Memória das Armadas*, p. 20.

<sup>44</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, caixa 76, maço 1; *Memória das Armadas*, p. 23.

<sup>45</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, cód. 275, fl. 3 (referido por Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro da Matrícula dos Cavaleiros e Freires Professos da Ordem de Santiago», in *Memória*, n.º 2, Lisboa, 1990, p. 21); *Livro de Lisuarte de Abreu*, fls. 21 e 26 e *Memória das Armadas*, fl. 8 e p. 18.

<sup>46</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, caixa 74, maço 1; Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento...*, livro II, p. 487.

Como seria de esperar, uma situação inversa da anterior também pode ser detectada nas fontes. Todo um conjunto de personagens que professam numa ou na outra Ordem, só após terem cumprido determinadas funções no Oriente.

André Dias, alcaide, capitão de uma nau na armada de Tristão da Cunha, em 1506, poderá ser o cavaleiro que, em 1514, professa na Ordem de Cristo <sup>47</sup>. E, Pedro Ferreira (Fogaça), também capitão da armada de 1505, será o mesmo que vem a professar na milícia de Cristo no ano de 1515 <sup>48</sup>?

António Carvalho, capitão de uma nau na armada de Estevão da Gama, em 1532, poderá ser o cavaleiro que, no ano de 1546, recebe o hábito de Santiago <sup>49</sup>. E, Francisco Correia, capitão de uma nau, na armada de João de Sousa de Lima, em 1513, também poderá ser identificado como comendador e alcaide mor de Colos da Ordem de Santiago, em 1516 <sup>50</sup>. Será Rui Mendes, capitão de uma nau na armada de Diogo da Silveira, em 1529, o mesmo Rui Mendes que recebe o hábito da Ordem no ano de 1533 <sup>51</sup>?

Finalmente, dois exemplos caracteristicamente distintos dos anteriores, como o de João da Silveira, capitão de uma nau, na armada de Lopo Soares, no ano de 1515, que no ano seguinte recebe uma tença com o hábito de Cristo, no valor de 30.000 reais <sup>52</sup>. Ou o de Diogo Dias, cavaleiro santiaguista, irmão de Bartolomeu Dias, capitão da armada de Pedro Álvares Cabral, que no ano de 1502 recebe de D. Jorge a confirmação de uma tença de 15 mil reais, dada por D. João II? <sup>53</sup> Ou seja, casos de filiações conhecidas que recebem, pelos serviços prestados – raciocínio possível pela coincidência da cronologia – uma recompensa nas Ordens.

4. Assim, com base nas diferentes tipologias de casos que acabamos de enunciar, não podemos deixar de levantar algumas questões, que gostaríamos de ver explicadas, uma vez que as eventuais respostas em muito podem contribuir para o esclarecimento de outros temas mais abrangentes, como é

<sup>47</sup> António Machado Faria, «Cavaleiros...», p. 21; *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 23v. Aliás, este cavaleiro voltará novamente à Índia como capitão, na armada de Jorge de Brito, no ano de 1520 (*Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 38v; *Memória das Armadas*, p. 20).

<sup>48</sup> António Machado Faria, «Cavaleiros...», p. 21; *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 22 e *Memória das Armadas*, p. 16.

<sup>49</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, cód. 278, fl. 30v-32; *Memória das Armadas*, p. 21 e *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 50v.

<sup>50</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, caixa 76, maço 1; *Memória das Armadas*, p. 19 e *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 31v. Também, Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, vol. I, p. 942.

<sup>51</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, caixa 73, maço 2; *Memória das Armadas*, p. 21 e *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 47v.

<sup>52</sup> *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 33v; *Memória das Armadas*, p. 19. Ref. por Anselmo Braamcamp Freire, «Em volta de uma carta de Garcia de Resende», in *Arquivo Histórico Português*, vol. III, p. 54.

<sup>53</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, cód. 8, fl. 301-301; *Livro de Lisuarte de Abreu*, fl. 16v.

o caso das relações poder político / Ordens Militares, a nossa verdadeira área de interesse.

Por exemplo, a estarem correctas as identificações, porquê o silêncio das fontes das Ordens relativamente à acção destes personagens no processo expansionista?

Uma tentativa de esclarecimento pode e deve passar pelo teor das fontes conhecidas para as Ordens Militares, uma vez que, como já foi inicialmente referido, lidamos maioritariamente com registos por vezes muitíssimo sumários, como acontece nos livros de chancelaria dos mestrados. Por outro lado, a implantação das Ordens na sua dupla vertente temporal e espiritual, obrigou à elaboração de inúmeros códices – resultantes, na sua grande maioria, de processos de visitação –, que apesar de sistemáticos, não contemplam, obviamente, a realidade do além-mar.

Situação que não é específica das ordens militares. Na verdade, estas instituições, mais não fazem do que acompanhar a tendência propugnada pela monarquia portuguesa relativamente ao governo do reino, como muito claramente o deixa expresso Romero de Magalhães, que se cita: *Governar passa a ser, antes de mais, saber com o que se pode contar de receitas e com o que se deve forçosamente despende cada ano*<sup>54</sup>.

Se colocarmos o problema no sentido inverso, porquê o silêncio dos cronistas e outros contemporâneos do processo expansionista, quando referem as participações na Índia e omitem a filiação dos personagens às Ordens?

Neste caso também não é difícil encontrar explicações: é certo que a *Memória das Armadas* ou o *Livro de Lisuarte de Abreu* não são uma fontes sobre qualquer uma das Ordens, razão pela qual se pode aceitar a ausência de referências mais completas, e a *História do Descobrimento e Conquista da Índia* ... pretende, sobretudo, exaltar o protagonismo régio no âmbito do processo expansionista.

Já no que se refere à transferência de membros da Ordem de Santiago para a Ordem de Cristo, que tipo de explicação poderá ser avançada?

Na nossa perspectiva, esta situação tem, de facto, todo o sentido, na medida em que o monarca quer fazer corresponder uma lógica de Estado à presença portuguesa na Índia; ou seja, encontra uma coerência entre a Ordem de Cristo (enquanto instituição emblemática da coroa portuguesa) e a sua política de conquista e permanência no Oriente.

Agindo desta forma, ficava mais fácil relacionar-se amigavelmente com a Ordem de Santiago, e mais concretamente com D. Jorge, uma ordem e um governador que lhe merecem o respeito na medida em que alimentam a sua política ultramarina, *tout court*. Dito por outras palavras, para todos os efeitos, pelo menos alguns dos membros da Ordem de Santiago, participam

<sup>54</sup> *História de Portugal* (dir. de José Mattoso), vol. III – *No alvorecer da modernidade (1480-1620)*, Lisboa, Editorial Estampa, p. 91.

no processo expansionista com o hábito de Cristo. A existência de uma bula de Júlio II datada de 24 de Janeiro de 1506<sup>55</sup>, conferindo à Ordem de Cristo a possibilidade de receber membros de outras Ordens Militares, legaliza, em termos jurídicos, esse procedimento.

No entanto, subsiste, no nosso entender, uma questão ainda em aberto. A avaliar pela precariedade do relacionamento entre os Mestres, será que o facto de transitarem de ordem pode significar o desaparecimento dos vínculos de fidelidade para com a ordem que abandonam? Uma questão que, seguramente, poderá a vir a ser esclarecida, tendo em conta as informações contidas nas fontes para as décadas seguintes, nomeadamente as que se reportam ao período cronológico do governo de D. João III.

Em conclusão e face aos resultados apresentados deve ser, em primeiro lugar, sublinhada a sua fragilidade, enquanto números reveladores de qualquer tendência indicativa da participação das Ordens no projecto oriental. Em muitos casos, as identificações feitas entre os membros das Ordens e os que participaram, quer nas armadas, quer em cargos já desempenhados no território indiano, não passam de um mero ensaio, de um exercício baseado em alicerces pouco firmes. Aliás, o número de identificações nas duas ordens que ascendeu a cerca de uma centena de homens que, obviamente, nos dispensamos de enumerar, pode e deve pecar por defeito, especialmente no que à Ordem de Cristo diz respeito.

Neste sentido, o *Quadro* que entendemos integrar nesta publicação e que se anexa em *Apêndice*, exige uma leitura cuidada, especialmente porque, a despeito de todos os esforços realizados para a identificação dos personagens, é óbvio que, nem sempre, as correlações efectuadas entre os dados se apresentam de uma forma clara. Assim, as identificações avançadas entre os membros das Ordens e todos aqueles que participaram no processo expansionista no Oriente devem ser consideradas como hipóteses que poderão sustentar outras linhas de investigação mais directamente relacionadas com a presença portuguesa no ultramar, permitindo, no futuro, chegar a conclusões mais firmes.

Naturalmente que esta chamada de atenção não invalida que, em alguns casos, tenha sido possível chegar a conclusões plausíveis relativamente à colaboração das Ordens Militares no projecto da monarquia em terras de Além Mar, como poderá ser avaliado.

<sup>55</sup> IAN/TT, *Bulas*, maço 7, n.º 26 – Bula *Sincerae devotionis affectus* dirigida a D. Manuel. Aliás, pouco tempo depois, o monarca receberá um breve de Júlio II (29 de Junho de 1506) autorizando-o a escolher um cavaleiro de Santiago e outro de Avis para ingressarem na Ordem de Cristo, sob a sua jurisdição (IAN/TT, *Bulas*, maço 6, n.º 29).

## APÊNDICE

NOME <sup>1</sup>	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes <sup>2</sup>
<b>Afonso de Albuquerque</b> <sup>3</sup>	Encontra-se registado no Livro da Matrícula a 18 de Março de 1505 <sup>4</sup>		Partiu para a Índia, como capitão mor, na armada de 1503 (Castanheda, L. I, p. 117; LA, fl.19v; MA, p. 16; RCI, p. 10) Partiu para a Índia em 1506, como capitão mor (Castanheda, L. II, p. 281; RCI, p. 12 e 13; MA, p. 17 e LA, fl. 23v) Governador da Índia (1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 497-512; LI, pt. I, p. 134, pt. II, p. 5, pt. III, p. 9, pt. IV, p. 548; LA, fl. 2)
<b>Álvaro de Ataíde</b> <sup>5</sup>		Tomou o hábito em 1514 <sup>6</sup>	Capitão de uma nau na armada de Vasco da Gama, 1502 (LA, fl. 19; MA, fl. 5); ASIA, I, p. 222
<b>Álvaro de Mesquita</b>	Cavaleiro, encontra-se registado no Livro de Matrícula, a 28 de Outubro de 1508 <sup>7</sup>		Parte com Fernão de Magalhães para as Molucas a serviço de Carlos V, em 1520 (Castanheda, L. VI, p. 161)
<b>Álvaro Fernandes</b>	Carta de hábito em 1511 <sup>8</sup>		Participa na frota de Tristão da Cunha em 1506 (Castanheda, L. II, p. 278; MA, p. 17 e fl. 11) Cavaleiro régio, capitão na armada de Fernando Coutinho, 1509 (MA, p. 18; CDM, pt.2, p. 127)
<b>Álvaro Mendes</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito em 1527, tendo professado em Agosto desse mesmo ano <sup>9</sup>		Capitão de Chaul durante o governo de Nuno da Cunha – 1529 a 1538 (Castanheda, L. VIII, p. 839-840)
<b>André Dias</b>		Tomou o hábito em 1514 <sup>10</sup>	Alcaide, capitão de uma nau na armada de Tristão da Cunha, 1506 (LA, fl. 23v) Alcaide, capitão de uma nau na armada de Jorge de Brito, 1520 (LA, fl. 38v; RCI, p. 20; MA, p. 20)

<b>António Botelho</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, a 10 de Fevereiro de 1539 <sup>11</sup>		Criado régio e capitão de um bergantim na esquadra de António da Silveira com destino a Cambaia em 1529 (Castanheda, L. VIII, p. 562, 586)
<b>António Carvalho</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, a 16 de Março de 1546 <sup>12</sup>		Capitão de uma nau, na armada de Estêvão da Gama, em 1532 (LA, fl. 50v; RCI, p. 25; MA, p. 21)

<sup>1</sup> As referências provenientes das fontes das Ordens de Santiago e de Cristo devem ser completadas pela consulta dos trabalhos de Maria Cristina Gomes Pimenta, *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média: o Governo de D. Jorge*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2002; Isabel L. Morgado de Sousa e Silva, «A Ordem de Cristo (1417-1521)», in *Militarium Ordinum Analecta*, vol. 6, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2002.

<sup>2</sup> Na elaboração deste Quadro recorremos à utilização das seguintes siglas: **ÁSIA**, João de Barros, *Ásia, Primeira Década*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945; **Castanheda**, Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Porto, Lello & Irmãos Editores, 2 vols., 1979; **CDM**, Damião Góis, *Cronica do Felicíssimo Rei D. Manuel* (Nova edição conforme a primeira, anotada e prefaciada, dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, 2 vols.; **LA**, *Livro de Lisuarte de Abreu*, Lisboa, CNCDP, 1992; **LI**, Gaspar Correia, *Leendas da Índia*, introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975; **MA**, *Memória das Armadas que de Portugal passaram ha Índia e esta primeira e ha com que Vasco da Gama partio ao descobrimento dela por mandado del Rei Dom Manuel no segundo anno de seu reinado e no do nascimento de xpo de 1497*, Ed. Academia das Ciências de Lisboa no Segundo Centenário da sua Fundação, Lisboa, 1979; **RCI**, *Relações da Carreira da Índia* (dir. de Luís de Albuquerque), Lisboa, Alfa, 1989.

<sup>3</sup> Sobre este conhecido governador veja-se *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses* (dir. de Luís de Albuquerque; coord. de F. Contento Domingues), Lisboa, Caminho, 1994, vol. I, p. 34-39.

<sup>4</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 4 (referido por Maria José Bigotte Chorão, «O Livro da Matrícula dos Cavaleiros e Freires Professos da Ordem de Santiago», in *Memória*, n.º 2, Lisboa, 1990 p. 16).

<sup>5</sup> Sobre este personagem veja-se Luís Adão da Fonseca, «Os Comandos da Segunda Armada de Vasco da Gama à Índia (1502-1503)», in *Mare Liberum*, Lisboa, CNCDP, 1998, p. 18-19.

<sup>6</sup> *Catálogo dos Cavaleiros da Ordem de Cristo que tomaram o hábito no reinado de el Rei D. Manoel e nos seguintes reinados*. Publicado por António Machado Faria, «Cavaleiros da Ordem de Cristo no séc. XVI», *Arqueologia e História*, vol. VI, Lisboa, 1955, p. 21.

<sup>7</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 6v; referido Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 17.

<sup>8</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1.

<sup>9</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1.

<sup>10</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>11</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 75, maço 2; IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 20, fl. 25-25v.

<sup>12</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 76, maço 1; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 22, fl. 8v (registo sumariado). Uma vez que a referência da sua participação na Índia se verifica na década de trinta, não obstante só ter recebido carta de hábito na década de quarenta, optamos por o incluir nesta listagem. Na realidade, como já foi referido nas primeiras páginas deste nosso estudo, o objectivo de poder obter resultados comparativos mais credíveis entre as duas Ordens limitou a inclusão de muitos dos registos conhecidos para a Ordem de Santiago para as décadas subsequentes (até 1550) que, por vezes, colmatamos com referências pontuais como aconteceu neste caso.



NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>António Correia</b> <sup>13</sup>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 8 de Agosto de 1538 <sup>14</sup>		Fidalgo, filho de Aires Correia e sobrinho de Diogo Lopes de Sequeira (Castanheda, L. III, p. 5) Capitão-mor (entre 1518-1522) (Castanheda, L. V, p. 18, p. 657; L. VI, p. 215; L. VII, p. 404; L. VIII, p. 611; L. IX, p. 943) Capitão de Cochim, feitor de Chaúl e de Baçaim na primeira metade do século XVI (LI, parte I, p. 191; parte II, p. 448; parte III, p. 83, p. 292; parte IV, p. 605).
<b>António de Abreu</b> <sup>15</sup>		Tomou o hábito em 1517 <sup>16</sup>	Capitão de uma nau na armada de Diogo da Silveira, 1523 (LA, fl. 41v; RCI, p. 21; MA, p. 20) Capitão de uma nau na armada de Filipe de Castro, 1525 (MA, p. 20) Capitão de uma nau na armada de Francisco Danhaia, 1526 (LA, fl. 44v; RCI, p. 23; MA, p. 21) Capitão de uma nau na armada de Pero Lopes de Sousa, 1539 (LA, fl. 58; RCI, p. 28; MA, p. 22) Capitão (entre 1526-1538) (Castanheda, L. III, p. 636; L. VII, p. 434; L. VIII, p. 708) Capitão-mor do mar de Malaca (entre 1526-1529) (Castanheda, L. VII, p. 387)
<b>António de Lima</b>		Tomou o hábito em 1512 <sup>17</sup>	Capitão de uma nau na armada de João da Silveira, 1516 (LA, fl. 35; RCI, p. 18; MA, p. 19) Capitão de uma nau que aportou em Goa (1515-1518) (Castanheda, L. IV, p. 908) Capitão de uma nau na armada de Pero da Silva, 1537 (LA, fl. 56; MA, p. 22) Capitão (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 803 e p. 848)

<b>António de Miranda</b>	Fidalgo da casa régia, recebe carta de hábito, a 4 de Maio de 1497 <sup>18</sup>		Fidalgo e embaixador junto do rei de Sião (1512) (Castanheda, L. III, p. 679; CDM, pt. III, p. 109).
<b>António de Saldanha</b> <sup>19</sup>		Tomou o hábito em 1516 <sup>20</sup>	Capitão mor na armada de 1503 (MA, p. 16) Almirante da armada de 1517 (RCI, p. 28; MA, p. 19) Capitão de uma nau na armada de Nuno da Cunha de 1528 (LA, fl. 47; MA, p. 21; Castanheda, L. VII, p. 517) Capitão (entre 1509-1538) (Castanheda, L.I, p. 117; L. III, p. 714; L. IV, p. 910-911 e p. 928; L. V, p. 11 e p. 40; L. VIII, p. 610 e p. 622)
<b>António Fernandes</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, a 22 de Setembro de 1505 <sup>21</sup>		Foi na armada de 1502 com Vasco da Gama, para ocupar o cargo de capitão da guarda da feitoria de Cochim (Castanheda, L. I, p. 98); Asia, I, p. 222 e p. 232)
<b>António Vogado</b>	Cavaleiro da Ordem de Santiago, recebe confirmação de uma tença, com o hábito, na Mesa Mestral, em 1502 <sup>22</sup>		Participou na conquista da cidade de Goa, tendo falecido na Índia (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 536, p. 594, p. 595 e p. 598).

<sup>13</sup> Figura que tem merecido a atenção de diversos historiadores, tais como João Paulo Costa (coord. de), *Descobridores do Brasil. Exploradores do Atlântico e construtores do Estado da Índia*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 2000, p. 353-382; Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994, p. 345-352.

<sup>14</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 75, maço 1. Faz todo o sentido ter recebido o hábito na data referida, uma vez que regressa a Portugal depois de um longo período de ausência, precisamente em 1537, tal como refere Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, p. 352. Para além deste trabalho, veja-se, também, João Paulo Costa (coord. de), *Descobridores do Brasil...*, p. 353 a 382.

<sup>15</sup> Não se trata seguramente de António de Abreu, filho de Garcia de Abreu, biografado em *Dicionário de História dos Descobrimentos...*, vol. I, p. 8-9, que já se encontrava no Oriente ao serviço da Coroa, em 1511, ano em que comandou uma expedição contra Malaca. Poderá tratar-se de um seu descendente?

<sup>16</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>17</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>18</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1.

<sup>19</sup> Sobre este personagem, veja-se João Paulo Costa (coord. de), *A Nobreza e a Expansão. Estudos Biográficos*, Cascais, Patrimonia, 2000, p. 50, nota 114.

<sup>20</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>21</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1. Veja-se Luís Adão da Fonseca, «Os Comandos...», p. 19.

<sup>22</sup> Carta de 25 de Fevereiro de 1502 (IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 7, fl. 9v-10).

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>Belchior [?]</b>	Cavaleiro, a 21 de Outubro de 1512, recebe carta de hábito <sup>23</sup>		Denominado como Belchior Marchone, foi capitão de uma nau da armada de Jorge de Brito, que partiu para a Índia no ano de 1520 (MA, p. 20)
<b>Cristóvão de Mendonça</b> <sup>24</sup>		Tomou o hábito em 1514 <sup>25</sup>	Capitão na armada de Jorge de Albuquerque, em 1519 (MA, fl. 27) Capitão da nau Santiago na armada de Manuel de Lacerda em 1527 (MA, p. 21) Fidalgo e capitão (Castanheda, L. V, p. 27, p. 38 e p. 55; L. VII, p. 491; L. VIII, p. 647)
<b>Diogo Brandão</b>	A 6 de Março de 1524, recebe carta de hábito <sup>26</sup>		Irá para a Índia, como capitão de uma nau, numa das armadas de 1533 (LA, fl. 51v; RCI, p. 25; MA, p. 21)
<b>Diogo Correia</b>	Cavaleiro da Ordem de Santiago, a 9 de Janeiro de 1503 <sup>27</sup>		Capitão de uma nau na armada de Lopo Soares, em 1504 (LA, fl. 21) Irá para a Índia, como capitão na armada de Francisco de Almeida, em 1505 (MA, fl.8) Irá para a Índia, como capitão de uma nau, na armada de Jorge de Aguiar, em 1508 (LA, fl. 26; RCI, p. 14; MA, p. 18)
<b>Diogo da Fonseca</b>	Cavaleiro, registado no Livro de Matrícula da Ordem de Santiago, a 29 de Setembro de 1502 <sup>28</sup>		Capitão de uma nau na armada de Duarte da Fonseca, em 1530 (MA, p. 21)
<b>Diogo da Silveira</b> <sup>29</sup>	Cavaleiro, a 23 de Fevereiro de 1543, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago <sup>30</sup>		Irmão de Duarte da Fonseca e capitão (1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 608) Capitão-mor (1526-1538) (Castanheda, L. VII, p. 556; VIII, p. 610 e p. 639) Capitão na armada que foi sobre Panane (1522-1526) (Castanheda, VI, p. 283)

			Capitão da armada enviada à costa do Malabar, capitaneada por Vasco de Lima (entre 1526-1529) (Castanheda, L. VII, p. 375 e L. VIII, p. 562 e p. 584) Capitão de Chaúl (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 622) Capitão mor da armada em 1543 (MA, p. 23)
<b>Diogo de Melo</b>	Cavaleiro, a 6 de Julho de 1513 recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago <sup>31</sup>		Capitão na armada de Vasco Gomes de Abreu, em 1507 (MA, p. 17) Capitão de uma nau, na armada de 1522 (LA, fl. 40v; RCI, p. 20; MA, p. 20) Capitão na armada Filipe de Castro, de 1525 (LA, fl. 44; RCI, p. 22; MA, p. 21; LI, pt. II, p. 940) Capitão de Ormuz (Castanheda, L. V, p. 92; L. VI, p. 182 e p. 225; L. VII, p. 378-379; LI, pt. II, p. 729) Capitão na armada de Martim Afonso de Melo, seu irmão, que partiu de Goa para Cochim em 1522 (Castanheda, L. V, p. 115; L.VI, p. 156) Morre entre 1529-1538 (Castanheda, L. VIII, p. 668)
<b>Diogo de Sepúlveda</b>		Tomou o hábito em 1518 <sup>32</sup>	Capitão de uma nau na armada de D. Duarte de Meneses em 1521 (LA, fl. 40; RCI, p. 20; MA, p. 20)

<sup>23</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 2.

<sup>24</sup> Cf. *Dicionário de História dos Descobrimentos...*, vol. II, p. 727-728.

<sup>25</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>26</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1.

<sup>27</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 3; ref. Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 21.

<sup>28</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 3.

<sup>29</sup> Pelas razões que já apontamos quando nos referimos a António Carvalho, também este personagem nos mereceu menção neste quadro, até porque o seu percurso na Índia começa na década de vinte. Veja-se a sua biografia em João Paulo Costa (coord. de), *A Nobreza e a Expansão...*, p. 341-376.

<sup>30</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 76, maço 1; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 20, fl. 17v (registo sumariado).

<sup>31</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 2.

<sup>32</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>Diogo Dias</b> <sup>33</sup>	Cavaleiro, a 3 de Junho de 1502, recebe confirmação de tença, dada por João II <sup>34</sup>		Feitor em Calecute, foi na armada de Vasco da Gama (1497) (Castanheda, L.I, p. 58, p. 60-63) Capitão da armada de Pedro Álvares Cabral, (irmão de Bartolomeu Dias) (LA, fl. 16v; Castanheda, L. I, p.74; Ásia, I, p.181; CDM, pt.1, p. 126)
<b>Diogo Lopes de Sequeira</b> <sup>35</sup>		Tomou o hábito em 1513 <sup>36</sup>	Partiu para a Índia na armada de 1508 (MA, p. 17) Capitão-mor (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 419) Partiu para a Índia como Governador na armada de 1518 (LA, fl. 36v; RCI, p. 19; MA, p. 19) Governador da Índia (1518-1522) (Castanheda, L. IV, p. 903; L. V, p. 7 - 9; L. VI, p. 189)
<b>Duarte de Meneses</b> <sup>37</sup>	Comendador de Sesimbra, a 12 de Setembro de 1516 foi visitado, encontrava-se ausente em Tânger, praça onde era capitão <sup>38</sup>	Tomou o hábito em 1521 <sup>39</sup>	Governador da Índia, entre 1521-1524, parte na armada de 1521 (LA, fl. 40; RCI, p. 20; MA, p. 20) Governador da Índia (Castanheda, L.V, p. 137, L.VI, p. 155, L.VII, p. 377; CDM, pt. IV, p.153)
<b>Estêvão da Gama</b> <sup>40</sup>			Capitão-mor da armada de 1502 (MA, p. 15)
<b>Fernão Carvalho</b>	Cavaleiro, é investido no hábito de Santiago, a 9 de Agosto de 1520 e faz a sua profissão a 11 de Novembro de 1522 <sup>42</sup>	Tomou o hábito em 1519 <sup>41</sup>	Capitão de um bergantim de guarda a Adém, cerca de 1523 (LI, pt. II, p. 780)
<b>Fernão de Resende</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 4 de Maio de 1509 <sup>43</sup>		Capitão (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 724 e p. 859) Capitão da armada de Lopo Soares (entre 1515-1518) (Castanheda, L. IV, p. 885)

<b>Fernão Lopes</b> <sup>44</sup>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago em 14 de Janeiro de 1529 <sup>45</sup>		Cavaleiro (1509-1515) (Castanheda, L.III, p. 666, p. 720)
<b>Fernão Peres de Andrade</b> <sup>46</sup>		Tomou o hábito em 1517 <sup>47</sup>	Partiu para a Índia na armada de 1515 com a incumbência de explorar o Golfo de Bengala e da China (MA, p. 19) Capitão-mor da armada de 1535 (MA, p. 22)
<b>Fernão Rodrigues, Bardeças</b>	Cavaleiro de Santiago, recebe carta de hábito em 1513 <sup>48</sup>		Capitão de uma nau na armada de Vasco da Gama para a Índia, em 1502 (MA, fl. 5; LA, fl. 19 <sup>49</sup> ); Ásia, I, p. 222
<b>Fernão Vieira</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 9 de		Embaixador (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 677)

<sup>33</sup> Cf. *Dicionário de História dos Descobrimientos...*, vol. I, p. 355.

<sup>34</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 8, fl. 301-301v.

<sup>35</sup> Veja-se a biografia sumária deste governador em *Dicionário da História...*, vol. II, p. 981-982.

<sup>36</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>37</sup> A biografia deste governador pode ser consultada em João Paulo Costa (coord. de), *A Nobreza e a Expansão...*, p. 145-158 e em *Dicionário de História dos Descobrimientos...*, vol. II, p. 729-730.

<sup>38</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 159, fl. 158 e *Ordem de Santiago*, Códice n.º 163, fl. 4. Como se sabe, depois desta experiência em África passará à Índia a partir de finais de 1521 (cf. Geneviève Bouchon, *Vasco da Gama*, Lisboa, Terramar, 1998, p. 295).

<sup>39</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>40</sup> Cf. Luís Adão da Fonseca, «Os Comandos...», p. 20 e 26.

<sup>41</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>42</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1.

<sup>43</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1. Encontra-se registado no Livro de Matrícula da Ordem de Santiago, a 22 de Maio de 1509, IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 7, referido por Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 23.

<sup>44</sup> Cf. *Dicionário de História dos Descobrimientos...*, vol. II, p. 623.

<sup>45</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 2; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 295; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 57v. Ref. por Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 23.

<sup>46</sup> Veja-se o *Dicionário de História dos Descobrimientos...*, vol. I, p. 66.

<sup>47</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>48</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 2. Cf. Luís Adão da Fonseca, «Os Comandos...», p. 19.

<sup>49</sup> Este é um dos casos em que as fontes, mais uma vez, registam a mesma pessoa com denominações distintas: enquanto a *Memória das Armadas...*, o refere como Fernão Rodrigues, o *Livro de Lisuarte de Abreu* menciona-o como Fernão Rodrigues Bardeças.

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
	Junho de 1525 e professará a 18 de Setembro de 1528 <sup>50</sup>		
<b>Francisco Cardoso</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 15 de Outubro de 1516 <sup>51</sup>		Criado régio, escrivão do almoxarife Jácome Fernandes (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 682)
<b>Francisco Correia</b>	Comendador e alcaide mor de Colos desde 13 de Março de 1516 <sup>52</sup>		Irá para a Índia, como capitão de uma nau, na armada de João de Sousa de Lima, em 1513 (LA, fl. 31v; RCI, p. 17; MA, p. 19) Capitão da armada de João de Sousa de Lima (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 778)
<b>Francisco da Cunha</b> <sup>53</sup>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 3 de Fevereiro de 1526 <sup>54</sup>		Capitão da segunda armada de Vasco da Gama (1502) (MA, p.15 e fl. 4; LA, fl. 18v; Castanheda, L. I, p. 98; CDM, pt. I, p. 148) Capitão de uma nau da armada de Jorge de Albuquerque, que irá para a Índia no ano de 1519 (MA, p. 20)
<b>Francisco de Almeida (Dom)</b>	Cavaleiro da Ordem de Santiago, aparece referido num diploma de 30 de Junho de 1505 <sup>55</sup>	Recebe licença pontifícia para transitar da Ordem de Santiago para a de Cristo em 1505 <sup>56</sup>	Irá para a Índia, na armada de 1505, como primeiro Vice-rei (LA, fl. 21v; RCI, p. 11; MA, p. 16; Castanheda, L.II, p. 209; L. I, p. 30; LI, pt. I, p. 46; pt. II, p. 5-7; pt. III, p. 8 e p.16; pt. IV, p. 5 e p. 597)
<b>Francisco de Melo</b>	Fidalgo da Casa de D. Jorge, comendador de Casével, pelo menos desde 1522 <sup>57</sup> , recebe uma tença com o hábito, a 3 de Maio de 1524 <sup>58</sup>		Capitão-mor (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 696, p. 740)
<b>Francisco de Mendonça</b>	Cavaleiro da Ordem de Santiago, recebe confirmação da profissão a 23 de Abril de 1526 <sup>59</sup>		Irá para a Índia, como capitão de uma nau, na armada de Nuno da Cunha, em 1528 (LA, fl. 46v; RCI, p. 23; MA, p. 21)

			Capitão da armada de Nuno da Cunha (entre 1526-1529) (Castanheda, L. VII, p. 517) Capitão (entre 1518-1526) (Castanheda, L. V, p. 84, L. VI, p. 185; LI, pt. II, p. 844; pt.III, p. 793)
<b>Francisco de Miranda</b>	Fidalgo da Casa do rei, a 18 de Fevereiro de 1493 recebe uma tença de 20 mil reais <sup>60</sup> . Comendador da Espada de Elvas, da Ordem de Santiago, em 20 de Abril de 1496 <sup>61</sup>		Fidalgo e cavaleiro (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 316)
<b>Francisco Mendes</b>	Recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 31 de Agosto de 1528 <sup>62</sup>		Foi salvo por pescadores e ficou em poder de Codavascão (entre 1526-1529) (Castanheda, L. VII, p. 503)

<sup>50</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 2; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 11v (registo sumariado); também em *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 53v, como refere Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 23.

<sup>51</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 2.

<sup>52</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 278, fl. 30v-32.

<sup>53</sup> Cfr. a apreciação feita por Luís Adão da Fonseca, «Os Comandos...», p. 15-16.

<sup>54</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 14v.

<sup>55</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 75, maço 1.

<sup>56</sup> IAN/TT, *Gaveta 7*, maço 10, n.º 14. (Bula *Expart francisci*, datada de 18 de Dezembro de 1505). Sobre este personagem, consulte-se, por todos, o mais recente estudo de Joaquim Candeias Silva, *O fundador do «Estado Português da Índia» D. Francisco de Almeida (1457?-1510)*, Lisboa, CNCDP e INCM, 1996. Consulte-se, também, Catarina Madeira Santos, «Goa é a chave de toda a Índia». *Perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*, Lisboa, CNCDP, 1999.

<sup>57</sup> Carta de 14 de Junho desse ano (IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 12, fl. 79v).

<sup>58</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 13, fl. 110. Encontra-se registado no Livro de Matrícula da Ordem de Santiago, a 19 de Maio de 1511. IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 8v, referido por Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 24.

<sup>59</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 14, fl. 8.

<sup>60</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 234, fl. não numerado.

<sup>61</sup> IAN/TT *Ordem de Santiago*, Códice n.º 6, fl. 6v-8v.

<sup>62</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 293.

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>Garcia Chainho</b>		Tomou o hábito em 1518 <sup>63</sup>	Capitão de uma nau na armada de 1519 (LA, fl. 38; MA, p. 20; RCI, p. 19) Capitão (entre 1518-1522) (Castanheda, L. V, p. 38)
<b>Garcia de Sá <sup>64</sup></b>		Tomou o hábito em 1515 <sup>65</sup>	Capitão de uma nau na armada de Diogo Lopes Sequeira em 1518 (LA, fl. 37; RCI, p. 19; MA, p. 19; Castanheda, L. IV, p. 943) Capitão de uma nau na armada de Nuno da Cunha em 1528 (LA, fl. 47; MA, p. 21; Castanheda, L. VII, p. 517) Fidalgo (Castanheda, L. V, p. 12; L. VII, p. 519; L. VIII, p. 563; L. IX, p. 901) Capitão (entre 1518-1522) (Castanheda, L. V, p. 61)
<b>Gaspar de Paiva</b>		Tomou o hábito em 1518 <sup>66</sup>	Capitão de uma nau na armada de Manuel de Lacerda em 1527 (MA, p. 21; LA, fl. 45v) Capitão (entre 1526-1529) (Castanheda, L. VII, p. 434; L. VIII, p. 665)
<b>Gaspar de Sá</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 4 de Fevereiro de 1523 <sup>67</sup>		Feitor da armada (entre 1526-1529) (Castanheda, L. VII, p. 380)
<b>Gaspar Fernandes</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 23 de Outubro de 1521, tendo professado a 12 de Janeiro do ano seguinte <sup>68</sup>		Cavaleiro, fidalgo (entre 1515-1518) (Castanheda, L. IV, p. 934)
<b>Gonçalo Álvares <sup>69</sup></b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 13 de Agosto de 1516 <sup>70</sup>		Piloto-mor, capitão de Sofala (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 234 e p. 272; LI, pt. I, p. 570)

<b>Gonçalo Coutinho I <sup>71</sup></b>	Do Conselho do rei, cavaleiro da Ordem de Santiago, Treze, comendador e alcaide de Arruda desde 18 de Março de 1499, data em que recebe privilégios de nomeação de ofícios para a referida comenda <sup>72</sup>		Capitão mor de uma armada em 1533 (MA, p. 21; LA, fl. 51v; RCI, p. 25) Irmão de D. Garcia Coutinho (Castanheda, L. IV, p. 888; L. V, p. 149; L. VIII, p. 767) Capitão mor da capitania de Goa (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 672 e p. 738)
<b>Gonçalo Coutinho II</b>		Tomou o hábito em 1521 <sup>73</sup>	Capitão mor de uma armada em 1533 (MA, p. 21; LA, fl. 51v; RCI, p. 25) Irmão de D. Garcia Coutinho (Castanheda, L. IV, p. 888; L. V, p. 149; L. VIII, p. 767) Capitão mor da capitania de Goa (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 672 e p. 738)
<b>Gonçalo de Sousa</b>	Será investido do hábito, da Ordem de Santiago, a 12 de Novembro de 1498 <sup>74</sup>		Irá para a Índia, como capitão na armada de João de Aguiar, em 1508 (MA, p. 17)

<sup>63</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>64</sup> Cf. a sua biografia em *Dicionário de História dos Descobrimentos...*, vol. II, p. 956-957.

<sup>65</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>66</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>67</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1.

<sup>68</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1.

<sup>69</sup> Consulte-se o *Dicionário de História dos Descobrimentos...*, vol. I, p. 59.

<sup>70</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 2.

<sup>71</sup> Esta é uma das situações que mais problemas pode provocar em termos de identificação. Aparecem nas fontes das duas Ordens referências a Gonçalo Coutinho. À partida podíamos aventar a hipótese de se tratar da mesma pessoa uma vez que o percurso empreendido era regular; ou seja, iniciava carreira na Ordem de Santiago e, passados anos de serviço régio, passava ao hábito de Cristo. No entanto, recorrendo ao *Livro de Linhagens do Século XVI* (Introdução de António Machado de Faria, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1956, p. 185-199), foi possível determinar que são duas pessoas distintas: o comendador de Arruda da Ordem de Santiago é filho de Fernando Coutinho, Marechal e Alcaide Mor de Pinhel e Gonçalo Coutinho, com hábito na Ordem de Cristo é filho bastardo de Gonçalo Coutinho, 2.º Conde, irmão do Marechal já referido. Em consequência, as fontes cronísticas consultadas apontam para uma única trajectória de vida que mantivemos para em cada um dos personagens.

<sup>72</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 4, fl. 65v-66.

<sup>73</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>74</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1.

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
			Capitão (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 420; LI, pt. I, p. 981; pt. III, p. 467; CDM, pt. II, p. 60)
<b>Henrique de Meneses (Dom)</b> <sup>75</sup>		Tomou o hábito em 1513 <sup>76</sup>	Capitão de uma nau na armada de Vasco da Gama em 1524 (LA, fl. 43; MA, p. 20; RCI, p. 21-22) Capitão da armada do vice rei D. Vasco da Gama (Castanheda, L. VI, p. 264) Governador da Índia (entre 1524-1526) (Castanheda, L. VI, p. 275)
<b>João da Silveira</b> <sup>77</sup>		Possuía uma tença com o hábito de Cristo em 1516 <sup>78</sup>	Parte para a Índia como capitão de uma nau na armada de Lopo Soares, em 1515, para ficar como capitão de Cananor (LA, fl. 33v; MA, p. 19; RCI, p. 18) Fidalgo, irmão de Diogo da Silveira (Castanheda, L. VII, p. 538; L. VIII, p. 581-583) Capitão (Castanheda, L. IV, p. 908; L. VII, p. 535; L. VIII, p. 562)
<b>João de Eça (Dom)</b>		Tomou o hábito em 1513 <sup>79</sup>	Fidalgo da casa do duque de Bragança <sup>3</sup> Partiu para a Índia na armada de 1512 (MA, p. 18; LA, fl. 30v) Capitão de uma nau na armada de D. Garcia de Noronha em 1538 (LA, fl. 56v; RCI, p. 27) Capitão (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 714 e p. 824) Capitão de Cananor (entre 1526-1538) (Castanheda, L. VII, p. 434 e p. 455; L. VIII, p. 562)
<b>João de Lima (Dom)</b> <sup>81</sup>		Tomou o hábito em 1515 <sup>82</sup>	Capitão de uma nau na armada de Diogo Lopes de Sequeira em 1518 (LA, fl. 36v; RCI, p. 19; MA, p. 19; Castanheda, L. IV, p. 943) Capitão de uma nau na armada de Jorge de Brito em 1520 (LA, fl. 38v)

			Capitão (entre 1509-1522) (Castanheda, L. III, p. 564, p. 616-617, p. 714 e p. 778; L. V, p. 40) Capitão da fortaleza de Calecute (entre 1515-1526) (Castanheda, L. IV, p. 943; L. VI, p. 231) Fidalgo, irmão de D. Jerónimo (Castanheda, L. II, p. 294; L. III, p. 505; L. V, p. 65; L. VI, p. 261)
<b>João de Melo</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 18 de Dezembro de 1528 e professará a 31 de Julho do ano seguinte <sup>83</sup>		Capitão da armada de Cristóvão de Brito (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 821) Capitão da armada de Lopo Soares (1515-1518) (Castanheda, L. IV, p. 885) Fidalgo e capitão (1526-1529) (Castanheda, L. VII, p. 535)
<b>João de Sá</b>	Recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 1 de Junho de 1504, tendo professado a 9 de Maio do ano seguinte <sup>84</sup>		Capitão (1500-1529) (Castanheda, L. I, p. 72; L. VII, p. 455) Tesoureiro da Casa da Índia (Castanheda, L. I, p. 44)

<sup>75</sup> Cf. uma biografia mais detalhada em João Paulo Costa (coord. de), *A Nobreza e a Expansão...*, p. 145-158.

<sup>76</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>77</sup> Vd. Diogo da Silveira.

<sup>78</sup> Referido por Anselmo Braancamp Freire, «Em volta de uma carta de Garcia de Resende», in *Archivo Historico Portuguez*, vol. III, p. 54.

<sup>79</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>80</sup> António Caetano de Sousa, *Provas de História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, Atlântida-Livraria Editora Lda., 1950, Tomo IV, 1.ª pt., p. 261.

<sup>81</sup> Filho de Fernão de Lima Pereira e de Francisca de Vilhena, morreu na Índia como refere o *Livro de Linhagens do Século XVI*, a p. 262. Cf. com o que foi escrito sobre este capitão em João Paulo Costa (coord. de), *Nobreza e Expansão...*, p. 298-315.

<sup>82</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>83</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 294v. Encontra-se registado no Livro de Matrícula da Ordem de Santiago, como cavaleiro a 29 de Julho de 1531. IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 71v, referido por Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 26.

<sup>84</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1. Encontra-se registado no Livro de Matrícula da Ordem de Santiago, a 9 de Junho de 1504. IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 3v, ref. por Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 27.

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>João Freire</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 1 de Agosto de 1526 <sup>85</sup>		Capitão-mor (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 860)
<b>João Nunes</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 21 de Abril de 1524 <sup>86</sup>		Cavaleiro da casa real, que irá para a Índia, como capitão na armada de Jorge de Aguiar, em 1508 (MA, p. 17) Fidalgo (Castanheda, L. V, p. 98; L. VII, p. 419) Capitão (entre 1518-1529) (Castanheda, L. V, p. 97; L. VII, p. 535)
<b>João Ribeiro</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 15 de Fevereiro de 1529, sendo investido 3 dias depois <sup>87</sup>		Capitão (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 693)
<b>João Rodrigues Pereira</b>	Cavaleiro da Ordem de Santiago, recebe uma tença com o hábito, em 4 de Novembro de 1525 <sup>88</sup>		Irá para a Índia, como capitão de uma nau, na armada de Jorge de Aguiar, em 1508 (LA, fl. 26; RCI, p. 14; MA, p. 17) Capitão da nau Botafogo (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 419; LI, pt. I, p. 886; pt. II, p. 866)
<b>Jorge Barreto</b> <sup>89</sup>	Recebe carta de hábito da Ordem de Santiago, a 27 de Março de 1506 <sup>90</sup>		Fidalgo e irmão de Filipe de Castro (Castanheda, L. II, p. 335) Capitão (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 335, p. 362, p. 421 e p. 487) Capitão de Cochim, cerca de 1506 a 1516 (LI, pt. I, p. 727, pt. II, p. 488)
<b>Jorge de Brito</b>		Tomou o hábito em 1524 <sup>91</sup>	Partiu para a Índia na armada de 1511 de Garcia de Noronha (MA, p. 18; LA, fl. 29v) Como capitão de Malaca, partiu na armada de 1515 (LA, fl. 34; MA, p. 19)

			Capitão mor de uma armada em 1520 (LA, fl. 38v; RCI, p. 20; MA, p. 20) Capitão (entre 1509-1538) (Castanheda, L. III, p. 672, p. 696 e p. 855; L. IV, p. 874; L. V, p. 60, p. 81 e p. 84; L. VII, p. 544; L. VIII, p. 564) Morre entre 1526-1529 (Castanheda, L. VII, p. 514)
<b>Jorge de Melo</b>		Tomou o hábito em 1521 <sup>92</sup>	Partiu para a Índia na armada de D. Fernando Coutinho de 1509 (MA, p. 18) Fidalgo (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 436; L. III, p. 793; L. VII, p. 419)
<b>Jorge Mendes</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito da Ordem de Santiago, a 28 de Dezembro de 1502 <sup>93</sup>		Capitão na armada de João Vaz de Almada, que se deslocou de Quiloa para a Índia (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 232 e p. 273; LI, pt. I, p. 586)
<b>Lisuarte Caeiro</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito da Ordem de Santiago, a 9 de Julho de 1521 <sup>94</sup>		Capitão (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 722)

<sup>85</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1; IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 18v. Encontra-se registado no Livro de Matrícula da Ordem de Santiago, a 2 de Setembro de 1526; IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 46, referido por Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 27.

<sup>86</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1.

<sup>87</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 22.

<sup>88</sup> IAN/TT, *Convento de Palmela*, maço 4, doc. 317-318.

<sup>89</sup> A fonte da Ordem refere-o como Jorge Barreto. No entanto, Castanheda denomina este capitão tanto por Jorge Barreto como por Jorge Barreto de Castro.

<sup>90</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1. Encontra-se registado no Livro de Matrícula da Ordem de Santiago, a 1 de Abril de 1506, IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, fl. 4v, referido por Maria José Mexia Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 28.

<sup>91</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>92</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>93</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1.

<sup>94</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1.

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>Lopo de Almeida (Dom)</b>		Tomou o hábito em 1517 <sup>95</sup>	Capitão de uma nau na armada de Filipe de Castro, em 1525 (LA, fl. 43v; RCI, p. 22-23; MA, p. 21) Filho de D. Diogo Fernandes de Almeida <sup>4</sup> , prior do Crato (Castanheda, L. VIII, p. 564; L. IX, p. 899)
<b>Lopo de Brito</b>		Tomou o hábito em 1519 <sup>97</sup>	Capitão de uma nau na armada que parte em 1519 (LA, fl. 38; RCI, p. 19; MA, p. 20) Capitão (entre 1515-1522) (Castanheda, L. IV, p. 883; L. V, p. 38)
<b>Lopo Dias</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, da Ordem de Santiago, a 1 de Outubro de 1513 <sup>98</sup> .		Irá para a Índia, como capitão na armada de João da Nova, em 1501 (MA, p. 15) Parte com Vasco da Gama na armada de 1502 (MA, fl. 5; ASIA, I, p. 22; CDM, pt. I, p. 163)
<b>Lopo Mendes de Vasconcelos</b> <sup>99</sup>		Comendador e alcaide-mor de Castro Marim e Redinha em 1501 <sup>100</sup>	Irá para a Índia, como capitão na armada de João da Nova, em 1501 (MA, p. 15) Parte novamente para a Índia na armada de Vasco da Gama de 1502 (RCI, p. 9); ÁSIA, I, p. 222 Irá para a Índia, como capitão na armada de Lopo Soares, em 1504 (MA, p. 16; RCI, p. 11) Fidalgo, cavaleiro, capitão da armada de Lopo Soares (Castanheda, L. I, p. 193 a 195; CDM, pt. I, p. 210; LI, pt. I, p. 502).
<b>Lourenço de Brito</b>		Freire cavaleiro, comendador de Castelo Novo, Alpedrinha e Torre do Arrizado. Presente no Capítulo Geral	Capitão de uma nau na armada de Francisco de Almeida em 1505 (LA, fl. 22) Fidalgo (Castanheda, L. II, p. 253, p. 265 e p. 310-316)

<b>Lucas da Fonseca</b>		de 1493 <sup>101</sup> Tomou o hábito em 1513 <sup>102</sup>	Capitão de uma nau na armada de Francisco de Almeida em 1505 (LA, fl. 22; MA, p. 16) Fidalgo e cavaleiro (Castanheda, L. II, p. 211 e p. 230-231)
<b>Luís Coutinho (Dom)</b> <sup>103</sup>	Recebe carta de hábito em 8 de Junho de 1509 <sup>104</sup>	Tomou o hábito em 1514 <sup>105</sup>	Capitão de uma nau na armada de Vasco da Gama em 1502 (LA, fl. 19; MA, fl. 4) Fidalgo (Castanheda, L. III, p. 510; L. VII, p. 538; L. VIII, p. 614) Capitão da armada de D. Francisco Coutinho em 1509 (Castanheda, L. II, p. 482; L. III, p. 510; L. VII, p. 535)
<b>Luís de Meneses (Dom)</b>		Tomou o hábito em 1512 <sup>106</sup>	Capitão na armada de D. Duarte de Meneses em 1521 (LA, fl. 39v; RCI, p. 20; MA, p. 20) Capitão mor da armada da Índia (1518-1526) (Castanheda, L. V, p. 115; L. VI, p. 155)

<sup>95</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>96</sup> Veja-se Paula Maria de Carvalho Pinto Costa, «A Ordem Militar do Hospital em Portugal: Dos finais da Idade Média à Modernidade», in *Militarium Ordinum Analecta*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol. 3/4, 1999-2000, p. 255-258.

<sup>97</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>98</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 2.

<sup>99</sup> Existe um Lopo Mendes de Vasconcelos a professar na Ordem de Santiago em 7 de Junho de 1536 (IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 75, maço 1; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 17, fl. 62v; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 275, este último publicado por Maria José Bigotte Chorão, «O Livro de Matrícula...», p. 29) que, como justifica Adão da Fonseca («Os Comandos...», p. 20-21) atendendo às suas relações familiares com a Ordem de Santiago, poderia tratar-se do capitão que parte na armada de 1502. No entanto, estamos hoje mais convencidas que o navegador que acompanha Vasco da Gama será Lopo Mendes de Vasconcelos comendador da Ordem de Cristo.

<sup>100</sup> IAN/TT, *Legitimações*, L. 1, fl. 47v.

<sup>101</sup> IAN/TT, *Ordem de Cristo*, cód. 235, fl. 97v. Era fidalgo da casa do Duque D. Manuel e seu copeiro mor. No ano de 1505 é comendador de Escalos de Cima, Escalos de Baixo, Aldeias da Mata e Casede, Segura e Salvaterra (IAN/TT, *Ordem de Cristo/Convento de Tomar*, Livro 305, fl. 38; Livro 306, fl. 20). Sobre Lourenço de Brito, veja-se Joaquim Candeias Silva, *O Fundador do «Estado da Índia...»*, p. 111-112.

<sup>102</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>103</sup> Por lapso, este D. Luís Coutinho não foi incluído no apêndice do trabalho de Maria Cristina Pimenta, *ob. cit.*, p. 300-600, embora exista um cavaleiro dessa milícia a professar em 8 de Junho de 1509 (IAN/TT, *Ordem de Santiago, Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1). Assim, como defende Luís Adão da Fonseca («Os Comandos...», p. 15) este terá transitado para a Ordem de Cristo em momento posterior, tal como se verifica no Quadro.

<sup>104</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago, Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1.

<sup>105</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>106</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.



NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>Manuel de Castro Alcoforado</b>		Tomou o hábito em 1515 <sup>107</sup>	Partiu para a Índia na armada de 1511 (MA, fl.15) Capitão da nau S. Pedro da armada de D. Garcia de Noronha (1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 672)
<b>Manuel de Lacerda</b> <sup>108</sup>		Tomou o hábito em 1516 <sup>109</sup>	Partiu para a Índia na armada de 1517 (MA, p. 19; LA, fl. 35v) Capitão-mor da armada de 1527 (MA, p. 21) Fidalgo (Castanheda, L. II, p. 295; L. III, p. 502; L. IV, p. 924; L. VII, p. 519; L. VIII, p. 608) Capitão-mor (entre 1509-1529) (Castanheda, L. III, p. 618 e p. 687; L. VII, p. 434)
<b>Manuel de Melo</b>		Tomou o hábito em 1517 <sup>110</sup>	Partiu para a Índia na armada de 1514 (MA, p. 19)
<b>Manuel de Sousa</b>		Tomou o hábito em 1519 <sup>111</sup>	Partiu para a Índia na armada de 1519, tendo falecido em Quiloa (MA, p. 20; LA, fl. 37v)
<b>Manuel Fernandes</b>	Recebe carta de hábito, a 30 de Julho de 1528 <sup>112</sup>		Fidalgo da casa régia (Castanheda, L.II, p. 232) Partiu na armada de Pero Danhaia <sup>5</sup> em 1505 (MA, p. 16; LA, fl. 22v; Castanheda, L. II, p. 231, p. 235 e p. 277) Capitão (CDM, pt. II, p. 26, p. 29 e p. 30)
<b>Martim Afonso de Melo</b>		Tomou o hábito em 1514 <sup>114</sup>	Capitão de uma nau na armada de D. Duarte de Meneses em 1521 (LA, fl. 39v; MA, p. 20; RCI, p. 20) Capitão-mor da viagem da China (entre 1518-1522) (Castanheda, L. V, p. 115)
<b>Nuno Furtado</b>		Tomou o hábito em 1516 <sup>115</sup>	Capitão de uma nau na armada de D. Pedro de Castelo Branco em 1533 (LA, fl. 51v; RCI, p. 25; MA, p. 21)

			Capitão e comendador de Cardiga (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 672)
<b>Nuno Leitão</b>		Tomou o hábito em 1518 <sup>116</sup>	Capitão de uma nau na armada de Pedro Álvares Cabral em 1500 (LA, fl. 16v; MA, p. 15; Castanheda, L. I, p. 74)
<b>Pedro Afonso de Aguiar</b> <sup>117</sup>		Tomou o hábito em 1518 <sup>118</sup>	Capitão de uma nau na armada de Vasco da Gama em 1502 (LA, fl. 18v; MA, p. 15) Capitão da 2ª armada de Vasco da Gama (Castanheda, L. I, p. 98) Capitão de uma nau na armada de Lopo Soares em 1504 (MA, p. 16; Castanheda, L. I, p. 193) Fidalgo e cavaleiro (Castanheda, L. I, p. 198; L. III, p. 501) Capitão da armada de Fernando Coutinho de 1509 (LA, fl. 26v; MA, p. 18; Castanheda, L. II, p. 481 e L. III, p. 507) Capitão-mor (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 507)

<sup>107</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>108</sup> Sobre o percurso empreendido por este personagem, veja-se João Paulo Costa (coord. de), *Nobreza e Expansão...*, p. 35 e p. 255-271.

<sup>110</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>109</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>111</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>112</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 292. Este cavaleiro ordenou processo de hábito nesse mesmo ano (IAN/TT, *Habilitações da Ordem de Santiago*, Letra M, maço 5, n.º 17).

<sup>113</sup> A 4 de Novembro de 1541, um Pero Danhaia recebia carta de hábito na Ordem de Santiago, sendo, de imediato, agraciado por D. Jorge com as rendas de Lagoa Alva (IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 75, maço 2 e *Ordem de Santiago*, Códice n.º 20, fl. 1-1v; referido por Maria Cristina Gomes Pimenta, *As Ordens de Avis e de Santiago...*, p. 563). Cremos tratar-se de um descendente de Pero Danhaia que partiu na armada de 1505 com a responsabilidade de construir uma fortaleza em Sofala (cf., entre outros, Joaquim Candeias Silva, *O Fundador do «Estado Português da Índia»...*, p. 109-110).

<sup>114</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>115</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>116</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>117</sup> Cf. o estudo de Luís Adão da Fonseca, «Os Comandos...», p. 16.

<sup>118</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>Pedro de Ataíde</b> <sup>119</sup>		Tomou o hábito em 1514 <sup>120</sup>	Capitão de uma nau na armada de Pedro Álvares Cabral em 1500 (MA, fl. 2; ASIA, I, p. 200-202) Capitão (Castanheda, L. I, p. 105 e p. 116) Capitão na 2.ª armada de Vasco da Gama (Castanheda, L. I, p. 98)
<b>Pedro de Mascarenhas (Dom)</b> <sup>121</sup>		Tomou o hábito em 1515 <sup>122</sup>	Parte na armada de D. Garcia de Noronha, em 1511, para ocupar a capitania de Cochim (LA, fl. 29v; MA, p. 18) Capitão da nau de conserva de D. Garcia de Noronha (entre 1509-1515) (Castanheda, L. III, p. 690) Capitão (entre 1509-1526) (Castanheda, L. III, p.690, p. 714 e p. 733; L. VI, p. 273) Capitão de uma nau na armada de Vasco da Gama em 1524 (LA, fl. 43; RCI, p. 21-22; MA, p. 20; Castanheda, L. VI, p. 264) Capitão de Malaca (entre 1522-1535) (Castanheda, L. VI, p. 264; L. VII, p. 373; L. VIII, p. 309)
<b>Pedro Ferreira (Fogaça)</b>		Tomou o hábito em 1515 <sup>123</sup>	Capitão de uma nau na armada de Francisco de Almeida em 1505 (LA, fl. 22; MA, p. 16) Capitão (entre 1509-1515) (Castanheda, L. II, p. 293) Fidalgo e cavaleiro (Castanheda, L. II, p. 212; L. IV, p. 883)
<b>Pero Barreto</b> <b>Pero Barreto de Magalhães</b> <sup>124</sup>	Fidalgo da Casa do rei, cavaleiro e comendador de Castro Verde, encontra-se à frente da referida comenda, em 18 de Fevereiro de 1496 <sup>125</sup>		Irá para Sofala, como capitão de uma nau, na armada de Pero Danhaia, de 1505 (LA, fl. 22v) Fidalgo e cavaleiro (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 234) Capitão-mor, cerca de 1505 (LI, pt. I, p. 569-571 e p. 600)

			Capitão da armada do vice-rei D. Francisco de Almeida (1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 211, p. 231 e p. 358) Capitão (CDM, pt. II, p. 26)
<b>Pero de Mendonça</b>	Fidalgo da Casa Real, alcaide mor de Mourão, recebe uma tença em 10 de Março de 1523 <sup>126</sup>		Capitão de uma nau na armada de Vasco da Gama à Índia em 1502 (LA, fl. 18v) Irá para a Índia, como capitão na armada de Lopo Soares de Meneses, em 1504 (MA, p. 16; Castanheda, L. I, p. 193; CDM, pt. I, p. 210) Fidalgo e cavaleiro (Castanheda, L.I, p. 198, L. II, p. 284)
<b>Pero Dias</b>	Cavaleiro, criado de D. Jorge, recebe carta de hábito, a 15 de Outubro de 1515 <sup>127</sup>		Capitão de uma nau na armada de Pedro Álvares Cabral, em 1500 (MA, p. 15) Irmão de Bartolomeu Dias, capitão da armada de Pedro Álvares Cabral (CDM, pt. I, p. 115)
<b>Pero Fernandes</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, a 18 de Maio de 1524 <sup>128</sup>		Piloto (entre 1518-1522) (Castanheda, L. V, p. 110) Sua morte (entre 1529-1538) (Castanheda, L. VIII, p. 634)

<sup>119</sup> Vd. Álvaro de Ataíde. Cf. o estudo de Luís Adão da Fonseca, «Os Comandos...», p. 18-19; João Paulo Costa (coord. de), *Descobridores do Brasil...*, p. 123-155.

<sup>120</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>121</sup> Consulte-se o que a propósito deste personagem foi escrito no *Dicionário de História dos Descobrimentos...*, vol. II, p. 707-709.

<sup>122</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>123</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>124</sup> Este personagem é referido de ambas as formas em fontes distintas: o *Livro de Lisuarte de Abreu*, a fl. 22v, refere-o como Pero Barreto, tal como acontece nas fontes da Ordem de Santiago. No entanto a *Memória das Armadas...*, p. 17, regista-o como Pero Barreto de Magalhães.

<sup>125</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 3, fls. 54-56v; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 135, fl. 194v; ref. Isabel Maria de Carvalho Lago Barbosa, «A Ordem de Santiago em Portugal nos finais de Idade Média», in *Militarium Ordinum Analecta - As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna: A Normativa*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, vol. 2, 1998, p. 183.

<sup>126</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 13, fl. 151v.

<sup>127</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 2.

<sup>128</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 1; *Ordem de Santiago*, Códice n.º 25, fl. 5 (registo sumariado).

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>Rafael Perestrelo</b> <sup>129</sup>		Tomou o hábito em 1518 <sup>130</sup>	Capitão de uma nau na armada de Jorge de Albuquerque em 1519 (LA, fl. 37v; RCI, p. 19; MA, p. 20) Sobrinho-neto de Bartolomeu Perestrelo, primeiro capitão de Porto Santo e irmão de outro do mesmo nome (Castanheda, L. III, p. 849) Capitão (entre 1518-1522) (Castanheda, L. V, p. 27 e p. 38)
<b>Rui Lopes</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, a 22 de Maio de 1511 <sup>131</sup>		Vedor d'el-rei D. Manuel (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 470)
<b>Rui Mendes</b>	Cavaleiro, recebe carta de hábito, a 5 de Julho de 1533 <sup>132</sup>		Capitão de uma nau na armada de Diogo da Silveira, em 1529 (MA, p. 21) Capitão (entre 1509-1526) (Castanheda, L. III, p. 853; L. V, p. 62; L. VII, p. 556)
<b>Sebastião de Sousa</b>		Tomou o hábito em 1520 <sup>133</sup>	Fidalgo da casa do duque de Bragança, capitão de uma nau na armada de D. Francisco de Almeida em 1505 (LA, fl. 22; RCI, p. 11; MA, p. 16; Castanheda, L. II, p. 211) Capitão da nau de carga para Portugal (entre 1505-1509) (Castanheda, L. II, p. 258) Capitão de uma nau na armada de D. Francisco Coutinho em 1509 (LA, fl. 27; RCI, p. 15; MA, p. 18) Capitão de uma nau na armada de D. Duarte de Meneses em 1521 (MA, p. 20; LA, fl. 39v) Capitão (entre 1518-1529) (Castanheda, L. V, p. 132; L. VI, p. 232; L. VII, p. 398) Fidalgo e cavaleiro (Castanheda, L. II, p. 212, L. III, p. 503; L. V, p. 133; L. VI, p. 232; L. VII, p. 396)

<b>Simão da Cunha</b>		Tomou no hábito em 1523 <sup>134</sup>	Capitão de uma nau na armada de Nuno da Cunha em 1528 (LA, fl. 47; MA, p. 21) Irmão de Nuno da Cunha, capitão-mor da Índia (entre 1526-1538) (Castanheda, L. VII, p. 517; L. VIII, p. 561) Morre entre 1526-1538 (Castanheda, L. VII, p. 554; L. VIII, p. 562)
<b>Simão de Meneses</b>	Comendador de várias terras, a primeira menção conhecida é como comendador de Grândola, por ocasião da visita à comenda de 27 de Janeiro de 1513 <sup>135</sup>		Irá para a Índia, como capitão de uma nau, na armada de Vasco da Gama, em 1524 (LA, fl. 42v; RCI, p. 21; MA, p. 20) Capitão (entre 1522-1526) (Castanheda, L. VI, p. 283; L. VII, p. 415) Capitão da fortaleza de Cananor e capitão-mor do mar da Índia, cerca de 1525 a 1527 (LI, pt. II, p. 972; pt. III, p. 20)
<b>Vasco da Gama</b>	Fidalgo da Casa do rei, cavaleiro, recebe as comendas de Mouguelas e da Chouparia, a 17 e 18 de Dezembro de 1495 <sup>136</sup>		Em 1497 parte para a Índia (LA, fl. 16; RCI, p. 7; MA, p. 15; ASIA, I, p. 121-124; CDM, pt. 1, p. 47-49) Capitão-mor e embaixador (Castanheda, L. I, p. 10-36)

<sup>129</sup> Cf. com o que foi escrito no *Dicionário de História dos Descobrimentos*, ., vol. II, p. 886-888.

<sup>130</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>131</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 74, maço 1.

<sup>132</sup> IAN/TT, *Colecção Especial*, Caixa 73, maço 2.

<sup>133</sup> *Provas de História Genealógica...*, Tomo IV, 1.ª pt, p. 262.

<sup>134</sup> «Cavaleiros da Ordem de Cristo...», p. 21.

<sup>135</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 158, fl. 3v.

<sup>136</sup> IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 3, fl. 34v-35v. Referido por Jacinto Inácio Brito Rebelo, «Navegadores e Exploradores Portugueses até ao século XVI. Documentos para a sua história – Vasco da Gama, sua família, suas viagens, seus companheiros», in *Revista de Educação e Ensino*, Lisboa, vol. 13, 1898, p. 58-60. Uma menção ao Almirante relacionada com a administração destas comendas pode ainda ser encontrada em IAN/TT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 135, fl. 193v; ref. por Isabel Lago Barbosa, «A Ordem de Santiago em Portugal...», p. 183. Mais recentemente, este navegador; foi objecto de estudo por Geneviève Bouchon, *Vasco da Gama*, Lisboa, Terramar/CNCDP, 1997; Luís Adão da Fonseca, *Vasco da Gama. O Homem, a viagem, a época*, Lisboa, Expo 98 e Comissão Coordenadora do Alentejo, 1997; idem, «Os Comandos da segunda armada de Vasco da Gama à Índia (1502-1503)»; José Manuel Garcia (coord. de), *A Viagem de Vasco da Gama à Índia 1497-1499*, Lisboa, Academia de Marinha, 1999; Carmen Radulet, *Vasco da Gama. La prima circumnavigazione dell'Africa. 1497-1499*, Edizioni Diabasis, 1994; Sanjay Subrahmanyam, *A Carreira e a Lenda de Vasco da Gama*, Lisboa, CNCDP, 1998.

NOME	Referências em fontes da Ordem de Santiago	Referências em fontes da Ordem de Cristo	Referências em outras fontes
<b>Vicente Sodré</b> <sup>137</sup>		Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1501 <sup>138</sup>	Parte na segunda viagem (1502) para a Índia (LA, fl. 18v; MA, p. 15; ASIA, I, p. 221-224; CDM, pt. 1, p. 162-165) Irá para a Índia como Vice-rei, na armada de 1524 (LA, fl. 43; RCI, p. 21; MA, p. 20) Vice-rei da Índia (LI, pt. I, p. 12-35; pt. II, p. 29 e p. 84; pt. III, p. 5 e p. 7; pt. IV, p. 72)
			Capitão de uma nau na armada de D. Vasco da Gama em 1502 (MA, p. 15 e Fl. 15; ÁSIA, I, p. 222) Capitão da guarda da feitoria de Cochim (Castanheda, L. I, p. 98) Capitão-mor da esquadra da costa de Calecute (Castanheda, L. I, p. 101)

<sup>137</sup> Mais informações sobre Vicente Sodré em Luís Adão da Fonseca, «Os Comandos...», p. 19.  
<sup>138</sup> IAN/TT, *Legitimações*, Livro 2, fls. 200v-201.

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	7
O CONDE DE TENTÚGAL E A LINHAGEM DOS MELOS NA POLÍTICA ULTRAMARINA MANUELINA João Paulo Oliveira e Costa .....	9
D. JORGE, DUQUE DE COIMBRA, E SEUS HERDEIROS: UMA DAS PRINCIPAIS CASAS NOBRES DO CONTEXTO DO IMPÉRIO Miguel Jasmíns Rodrigues .....	33
OUTRO <i>VENTUROSO</i> DE FINAIS DO SÉCULO XV: FRANCISCO COUTINHO, CONDE DE MARIALVA E DE LOULÉ Luís Filipe Oliveira .....	45
D. JOÃO DE VASCONCELOS, CONDE DE PENELA. UM TITULAR ALHEADO DA EXPANSÃO MILITAR GUERREIRA Célia Santana .....	57
OS MENESES DE CANTANHEDE E O PROJECTO MANUELINO Teresa Lacerda .....	75
O FARDO DO PATROCÍNIO REAL: O CASO DO CONDE DE TAROUCA, MORDOMO-MOR DA CASA REAL Susannah Charlton Humble .....	101
UMA LINHAGEM AO SERVIÇO DA «IDEIA IMPERIAL MANUELINA»: NORONHAS E MENESES DE VILA REAL, EM MARROCOS E NA ÍNDIA André Pinto de Sousa Dias Teixeira .....	109
AS LINHAGENS SECUNDÁRIAS DOS COUTINHOS E A CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO MANUELINO Vítor Luís Gaspar Rodrigues .....	175